

A contribuição de três tradições da teoria fundamentada para a pesquisa educacional

The contribution of three traditions of grounded theory to educational research

La contribución de tres tradiciones de teoría fundamentada a la investigación educativa

Edna Gusmão de Goes Brennand – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Alberto José Ferreira de Lima – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO

O estudo tem como foco investigativo as três tradições predominantes da teoria fundamentada: clássica, straussiana e construtivista, com ênfase em suas peculiaridades. Destaca a mesma origem comum dessas três vertentes e o compartilhamento de uma série de técnicas de abordagem originais, diferenciadas por estruturas filosóficas contrastantes e diretivas metodológicas conflitantes. Traz para a cena do debate metodológico questões fundamentais de interesse para os pesquisadores da área de Educação que trabalham com a pesquisa qualitativa, sobretudo no campo dos Estudos Culturais. Os resultados do estudo apresentam as aproximações e os distanciamentos entre as três principais abordagens da teoria fundamentada. São tecidas, ao longo da análise, considerações a respeito dos elementos a serem considerados na escolha da perspectiva da teoria fundamentada mais adequada para conduzir um trabalho de pesquisa com dados empíricos. Contribui para sintetizar elementos metodológicos úteis nas três tradições para a pesquisa empírica no campo da Educação.

Palavras-chave: teoria fundamentada; metodologia de pesquisa em educação; ciência dos dados.

ABSTRACT

The study focuses on the three predominant traditions of grounded theory: classical, straussian and constructivist, with an emphasis on their peculiarities. It highlights the same common origin of these three strands and the sharing of a number of original approach techniques, differentiated by contrasting philosophical structures as well as conflicting methodological directives. It brings to the scene of the methodological debate central questions of interest to researchers in the field of Education who work with qualitative research especially in the field of Cultural Studies. The study results present the congruences and divergences between the three main approaches of grounded theory. Their methodological points of convergence and aspects that distance them are also explored. Considerations are woven throughout the analysis regarding the elements to be considered in choosing the perspective of the most adequate grounded theory to conduct a research work with empirical data. It contributes to synthesize useful methodological elements in the three traditions for empirical research in the field of education.

Keywords: grounded theory; research methodology in education; data science.

RESUMEN

El estudio se centra en las tres tradiciones predominantes de la teoría fundamentada: clásica, estraussiana y constructivista, con énfasis en sus peculiaridades. Destaca el mismo origen común de estos tres hilos y el intercambio de una serie de técnicas de aproximación originales, diferenciadas por estructuras filosóficas contrastantes y directivas metodológicas contradictorias. Trae a la escena del debate metodológico cuestiones fundamentales de interés para los investigadores en el campo de la Educación que trabajan con la investigación cualitativa, especialmente en el campo de los Estudios Culturales. Los resultados del estudio presentan las aproximaciones y distancias entre los tres enfoques principales de la teoría fundamentada. Se entrelazan consideraciones a lo largo del análisis con respecto a los elementos a considerar al elegir la perspectiva de la teoría más sólida para realizar un trabajo de investigación con datos empíricos. Contribuye a sintetizar elementos metodológicos útiles en las tres tradiciones para la investigación empírica en el campo de la educación.

Palabras-clave: teoría fundamentada; metodología de investigación en educación; ciência de datos.

Introdução

Este artigo foi resultado de uma investigação realizada no bojo do Grupo de Pesquisa Cultura Digital e Educação, visando subsidiar teses e dissertações desenvolvidas no âmbito da Rede Interdisciplinar de Estudos sobre Violências – RIEV (www.ufpb.br/riev). A perspectiva da teoria fundamentada vem-se constituindo como uma metodologia inovadora, que facilita a descoberta de teoria a partir dos dados. As pesquisas em andamento na RIEV vêm testando, por meio de estudos empíricos, a propriedade dessa modalidade de técnica de investigação com bancos de dados sistematicamente reunidos sobre violências e analisados através de um processo de pesquisa. Assim, a teoria produzida com essa abordagem de pesquisa está contribuindo para testar uma sólida base empírica extraída dos dados.

A teoria fundamentada, desenvolvida originalmente em 1967, na obra *The Discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*, por dois sociologistas americanos, Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss, é “um método geral de análise comparativa e um conjunto de procedimentos capazes de gerar, sistematicamente, uma teoria fundada nos dados” (GLASER; STRAUSS, 1967, p. VIII) [tradução nossa]. Isso implica que, ao usar esse método, o pesquisador não está focado na dedução de hipóteses analisáveis a partir de teorias existentes, mas no desenvolvimento de teorias fundamentadas nos dados. Como Tarozzi (2011, p. 18) observa, o êxito de uma pesquisa conduzida pela teoria fundamentada é “uma interpretação racional, densa, articulada e sistemática, capaz de dar conta da realidade estudada”.

No Brasil, a locução original em inglês que rotulou essa metodologia - *grounded theory* - é traduzida de várias maneiras: teoria enraizada, teoria emergente, teoria fundamentada nos dados e teoria fundamentada em dados (TAROZZI, 2011). Em nossos textos, optamos por seguir a tradução utilizada em duas obras seminais sobre *grounded theory* traduzidas para o português brasileiro, *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques* (1990), de

Anselm Strauss e Juliet Corbin, e *Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis* (2006), de Kathy Charmaz. Em ambas, “Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada” (STRAUSS; CORBIN, 2008) e “A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa” (CHARMAZ, 2009), o termo *grounded theory* foi traduzido como *teoria fundamentada*.

Ao iniciar o planejamento de um projeto de pesquisa conduzido pela teoria fundamentada, os pesquisadores deparam-se com três tradições predominantes: a clássica, a straussiana e a construtivista. Apesar de terem a mesma origem e de compartilharem uma série de técnicas metodológicas originais, elas são diferenciadas por estruturas filosóficas contrastantes e diretivas metodológicas conflitantes. Isso tem gerado confusão e incerteza entre muitos pesquisadores. Como consequência, um dos dilemas mais comuns que envolvem o uso da teoria fundamentada como metodologia de pesquisa é justamente a escolha da melhor perspectiva para conduzir a pesquisa, porque diferentes versões do método exigem mudanças de postura do pesquisador. Assim, é imperativo compreender as diferenças, as aproximações e as influências filosóficas das principais abordagens da teoria fundamentada para não comprometer seriamente seus princípios e possibilitar uma escolha criteriosa e relevante. Isso propiciará boa qualidade, credibilidade, confiabilidade e adequabilidade aos resultados da pesquisa.

O objetivo, aqui, é apresentar as aproximações e os distanciamentos entre as três principais abordagens da teoria fundamentada, oferecendo contribuições para o debate sobre perspectivas analíticas para dados empíricos devido à tendência atual de se criarem arquiteturas cada vez mais inteligentes no uso de dados digitais. A pesquisa com dados está influenciando diretamente a gestão das prioridades científicas, dos recursos e investimentos em iniciativas que busquem ferramentas e funcionalidades que ampliem as análises dos grandes bancos de dados gerados em campos diversos do conhecimento. Temos presenciado o aumento recorrente do volume de informações sobre fenômenos de interesse das ciências humanas e sociais e encontrar formas para facilitar a análise de dados tem sido um ponto latente e imprescindível para o futuro da pesquisa em Educação. A ciência de dados, como um campo interdisciplinar de investigação, usa métodos e técnicas avançados de análise e se tornou uma área essencial para posicionar estudos empíricos no cerne das mudanças e das crises contemporâneas e do aumento exponencial de informações científicas e tecnológicas. No campo educacional, os estudos que utilizam a ciência dos dados ainda são escassos, mas a ciência da educação não pode evoluir sem enfrentar a necessidade de novas abordagens metodológicas para fazer face aos novos problemas que surgem cotidianamente.

Nesse sentido, o estudo aqui sintetizado está-se tornando base das pesquisas desenvolvidas no âmbito da RIEV. Em primeiro lugar, apresenta-se uma visão geral

do processo da teoria fundamentada, tomando como base os conceitos fundacionais expostos na perspectiva clássica que continuam abraçados e endossados pela abordagem straussiana e pela construtivista. Em seguida, exploram-se seus pontos de convergência metodológica e, em seguida, investigam-se os tópicos que as distanciam, finalizando com algumas conclusões. Entende-se que este artigo é um ponto de ancoragem que pode contribuir com o debate sobre Educação e Ciência dos Dados.

Visão geral do processo da teoria fundamentada

Para seus fundadores, a teoria fundamentada é uma metodologia inovadora, que facilita “a descoberta de teoria a partir dos dados” (GLASER; STRAUSS, 1967, p. 1) [tradução nossa]. Quando usam o termo ‘teoria fundamentada’, eles “querem dizer teoria que foi derivada de dados, sistematicamente reunidos e analisados por meio de um processo de pesquisa” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 25). Assim, a teoria produzida com essa abordagem de pesquisa tem uma sólida base empírica, isto é, é extraída a partir dos dados. Mas, o que é teoria? Para Strauss e Corbin (2008, p. 30), teoria denota “um conjunto de conceitos bem desenvolvidos relacionados por meio de declarações de relações que, juntas, constituem uma estrutura integrada que pode ser usada para explicar ou prever fenômenos”.

Criar uma teoria a partir de um fenômeno estudado não é uma tarefa fácil, pois o fluxo de trabalho incutido no processo de teorização é complexo. Strauss e Corbin (2008, p. 37) usam o termo ‘teorização’ para denotar a intricada atividade de desenvolver teoria, “o ato de construir, a partir dos dados, um esquema explanatório que integre sistematicamente vários conceitos por meio de declarações de relações”. Para Strauss e Corbin (2008, p. 105), “um conceito é um fenômeno rotulado, uma representação abstrata de um fato, de um objeto ou de uma ação/interação que um pesquisador identifica como importante nos dados”. Eles entendem que teorizar é um trabalho que não só implica conceber ou incutir ideias (conceitos), mas também formular essas ideias em um esquema lógico, sistemático e explanatório.

As estratégias utilizadas por Glaser e Strauss (1967, p. 32) [tradução nossa] para gerar teoria “colocam uma grande ênfase na teoria como processo; isto é, a teoria como uma entidade sempre em desenvolvimento, não como um produto acabado”. Eles acreditam que, como processo, a teoria traduz muito bem a realidade da interação social e seu contexto estrutural. Toda teoria e todas as explicações devem ser tratadas como temporárias, precisam estar de acordo com os dados e nunca serem aceitas como fatos concretos.

O processo da teoria fundamentada é mais bem representado na forma de uma espiral (TAROZZI, 2011), mais do que na retilíneo-linear. A primeira desenrola-se, basicamente, por meio de ciclos de coleta de dados, codificação, análise, redação de

memorandos e categorização teórica. A forma de espiral indica um processo de desenvolvimento que, a partir de certo ponto de partida, procede analiticamente, mas não de modo constante e ordenado, retornando regularmente a algumas passagens, mas enfrentando-as cada vez em um nível diferente, mais alto.

Inicialmente o pesquisador começa a coletar dados sobre um fenômeno que lhe interessa e os analisa procurando padrões de incidentes para indicar conceitos. À medida que determinados conceitos emergem com mais frequência e destaque, geram-se categorias que revelam o fenômeno ou categoria central da pesquisa. A categoria central representa o conceito organizador mais potente analiticamente. A identificação da categoria central depende da percepção do pesquisador e é o processo mais relevante na área investigada (CHARMAZ, 2009; TAROZZI, 2011). Ela é uma categoria que captura a maior variação dos dados (GLASER, 1978). Idealmente, na teoria fundamentada, o processo de coleta e de análise de dados continua até que a saturação teórica tenha sido alcançada. Em outras palavras, o pesquisador continua a amostrar e a codificar dados até que nenhuma nova categoria possa ser identificada e até que novas instâncias de variação para as categorias existentes tenham deixado de se apresentar.

A teoria fundamentada compreende vários elementos metodológicos únicos – como análise comparativa constante e amostragem teórica – que a diferencia de outras metodologias de pesquisa. Ao contrário da maioria das estratégias de investigação, ela exige que a coleta e a análise de dados ocorram simultaneamente, e não em uma sequência linear. Payne (2007, p. 68) [tradução nossa] assevera que "uma das características únicas da análise da teoria fundamentada é a interação dinâmica da coleta e da análise de dados".

Tendo em vista sua abordagem única, pode-se considerar que a teoria fundamentada é complexa. Frequentemente, é mal compreendida, pois não é fácil criar definições para explicar uma interação social. Isso exige um trabalho de campo intensivo e longo. Também é considerada densa e difícil de compreender e as fronteiras da pesquisa são difíceis de definir (WELLS, 1995). Seu processo é aparentemente simples conceitualmente, mas rigoroso e disciplinado na prática (ADOLPH *et al.*, 2011). Por isso, criar uma teoria fundamentada exige criatividade e sensibilidade teórica do pesquisador.

A maturação da teoria fundamentada requer uma série de debates acadêmicos contenciosos e por vezes antagônicos, centrados em disputas sobre seus princípios fundamentais, que resultaram em muitas configurações, dominantes e divergentes que variam em suas dimensões. Atualmente, a tradição da teoria fundamentada é diversa e um tanto fraturada, formada por três perspectivas metodológicas básicas: a clássica, a straussiana e a construtivista (SBARAINI *et al.*, 2011), além de outras que estão emergindo. A constituição dessas diferentes

abordagens da teoria fundamentada partiu de uma mesma origem, logo, tais abordagens compartilham uma série de técnicas metodológicas originais.

Pontos de convergência

De acordo com Kenny e Fourie (2015), as três principais perspectivas metodológicas da teoria fundamentada apresentam quatro características em comum: amostragem teórica, análise comparativa constante de dados, redação de memorandos e diferença entre teoria substantiva e teoria formal. Esses aspectos podem ser considerados princípios inerentes a essa metodologia.

A amostragem teórica é um dos diferenciais da teoria fundamentada em relação a outros tipos de pesquisa qualitativa. Seu objetivo é maximizar as oportunidades de obtenção de dados para auxiliar a explicar as categorias, no que diz respeito às suas propriedades e dimensões, visando ao desenvolvimento conceitual e teórico. A amostragem teórica é conduzida pela análise dos dados e orienta as ações do investigador, condicionando-o a explorar fatos, incidentes ou acontecimentos, visando reunir dados pertinentes para elaborar e refinar as categorias (STRAUSS; CORBIN, 2008).

A obtenção da amostragem teórica inicia-se com a coleta de dados a partir de pessoas e/ou fontes consideradas pertinentes para responder à questão de pesquisa e aos objetivos da investigação. Quando os primeiros dados coletados são analisados, os próximos sujeitos ou as próximas fontes de dados podem ser elencados/as de acordo com a necessidade específica de aprofundar o conhecimento ou as lacunas a serem preenchidas, o que pode alterar a característica dos sujeitos, das situações ou dos eventos a serem abordados (KENNY; FOURIE, 2015; DELGADO, 2012). Uma das estratégias para obter a amostragem teórica é a composição de grupos amostrais com participantes diferentes, mas com experiências relevantes em relação ao fenômeno que está sendo investigado. Ressalte-se que a amostra não é definida *a priori*, mas no decorrer do estudo, a partir da construção de hipóteses que possibilitem o desenvolvimento e o aprofundamento de conceitos visando preencher as lacunas da teoria emergente. Isso é possível devido ao caráter cíclico do método, porquanto os dados são coletados e analisados concomitantemente até que se alcance a saturação teórica (KENNY; FOURIE, 2015). Portanto, os dados são, ao mesmo tempo, produtos e produtores de novos dados por meio de processo dinâmico de dedução, indução e verificação.

A dedução permite a construção de hipóteses, enquanto a indução possibilita a apreensão de implicações advindas das hipóteses para qualificá-las ou negá-las. Assim, os dados são constantemente submetidos a questionamentos, tornando a explicação teórica cada vez mais densa.

Na teoria fundamentada, a análise dos dados é pautada por um processo de comparação constante dos dados, conhecido como análise comparativa constante. Inicialmente, os dados coletados são meticulosamente analisados, palavra por palavra, linha por linha ou incidente por incidente, com o objetivo de gerar códigos conceituais. Esses códigos são agrupados em categorias que denotam conceitos de nível superior. Como na teoria fundamentada as etapas de coleta, análise e categorização dos dados são simultâneas, há três níveis de comparação constantes: códigos com códigos, códigos com categorias emergentes e categorias com categorias (CHARMAZ, 2009; GLASER; HOLTON, 2004; HOLTON, 2010).

No contexto da análise comparativa constante, a elaboração de memorandos é outra característica que prevalece, independentemente da perspectiva metodológica da teoria fundamentada (KENNY; FOURIE, 2015; DELGADO, 2012). Quando os conceitos começam a surgir por meio dos processos de análise e comparação constantes, o pesquisador reflete sobre os dados. Essas reflexões são registradas em formato de memorandos, que contribuem para ilustrar o desenvolvimento de ideias e códigos que irão auxiliar o desenvolvimento da teoria.

Na obra que deu origem ao método, Glaser e Strauss (1967) estabelecem a diferença entre teoria substantiva e teoria formal. Segundo os autores, quando a teoria fundamentada é gerada a partir de um contexto específico, produz-se uma teoria aplicada somente ao campo investigado, a qual é denominada de teoria substantiva. A teoria formal, por sua vez, necessita de um estudo mais profundo, que envolve a geração de conceitos abstratos que podem ser aplicados de forma generalizada a uma realidade mais ampla. Dessa forma, a teoria substantiva é o alicerce para uma teoria formal.

A maioria das teorias fundamentadas compõe-se de teorias substantivas porque tratam de problemas delimitados em áreas substantivas específicas (CHARMAZ, 2009). Contudo, um ulterior e facultativo passo pode ser dado à produção de uma teoria substantiva, que é o da produção de uma teoria formal (TAROZZI, 2011). É importante que o pesquisador se concentre em gerar um ou outro tipo de teoria em seu estudo e tenha clareza quanto às diferenças entre elas (GLASER; STRAUSS, 1967). As três perspectivas metodológicas da teoria fundamentada adotam essa mesma distinção em relação à teoria substantiva e à teoria formal (KENNY; FOURIE, 2015).

Pontos de divergência

Apesar de compartilharem princípios fundamentais da teoria fundamentada, as abordagens clássica, straussiana e construtivista não são entidades homogêneas ou intercambiáveis. Para Kenny e Fourie (2015), suas incongruências dependem,

essencialmente, de três aspectos fundamentais: seus procedimentos de codificação conflitantes, suas posições filosóficas opostas e uso contrastante da literatura.

a) Sistema de análise de dados

De forma crucial, para a teoria fundamentada, a perspectiva metodológica adotada influencia a análise dos dados porque concentra a atenção do pesquisador em diferentes dinâmicas e os alerta para possíveis configurações analíticas no processo de abstração conceitual e teórica (BIRK; MILLS, 2015).

Na análise de dados na perspectiva clássica, a codificação é conhecida como o sistema de codificação original da teoria fundamentada e apresenta duas etapas. A primeira é chamada de codificação substantiva, e a segunda, de codificação teórica. A codificação substantiva tem o objetivo de formar conceitos a partir dos dados coletados. Para isso, desdobra-se em duas etapas: a de codificação aberta e a de codificação seletiva (KENNY; FOURIE, 2015; HOLTON, 2010).

Na codificação aberta, os dados são analisados linha por linha e cada incidente é codificado com uma palavra-chave que resume seções de dados (GLASER; HOLTON, 2004). Um incidente pode ser, por exemplo, uma linha, uma página ou um documento. Assim, o pesquisador codifica abertamente para gerar conceitos e propriedades de conceitos. Sequencialmente, os segmentos de códigos são comparados entre si e agrupados conceitualmente. Esses grupos de dados recebem um título conceitual do pesquisador: categorias conceituais (KENNY; FOURIE, 2015; HOLTON, 2010).

Quando novas evidências são reunidas, comparadas, analisadas e categorizadas, as categorias tornam-se densas e complexas e suas inter-relações começam a se tornar visíveis. Consequentemente, uma categoria central (ou variável de núcleo) emergirá. Essa categoria representa a preocupação principal do estudo, interage com a maioria das outras categorias de modo significativo e será suficientemente densa para explicar a complexidade e as nuances dos dados (GLASER; HOLTON, 2004). Glaser sugere três perguntas que auxiliam a fazer uma codificação aberta: Qual é a principal preocupação dos participantes? O que está realmente acontecendo nos dados? Que categoria esse incidente indica? (GLASER, 1978).

A codificação seletiva começa a partir da identificação da categoria central por meio da codificação aberta. Nessa etapa, o pesquisador passa a codificar seletivamente em prol da categoria central e das categorias relacionadas, e os dados considerados como não relevantes podem ser ignorados. A partir desse momento, as questões das entrevistas podem ser focadas nos conceitos que emergiram dos dados. O processo de codificação seletiva continua até que não surjam novas

propriedades ou categorias, ou seja, quando a categoria central e as categorias relacionadas estão “saturadas” (GLASER, 1978).

A codificação teórica corresponde ao nível final de abstração, já que o pesquisador conceitua e explica as inter-relações dos conceitos substantivos. Nesse momento da pesquisa, ocorre a emergência ou descoberta da teoria, que explica as relações entre os conceitos e determina o padrão do comportamento social. Nessa abordagem, é somente depois dessa etapa que a literatura pode ser utilizada para auxiliar a estabelecer comparação entre a teoria emergente e a produção do conhecimento já existente (KENNY; FOURIE, 2015; GLASER, 1978).

Anselm Strauss e Juliet Corbin, principais representantes da tradição straussiana da teoria fundamentada, definiram novas etapas para o desenvolvimento da teoria fundamentada com o objetivo de tornar a metodologia mais acessível e didática. Essa perspectiva destaca a posição ativa do pesquisador diante dos dados e na elaboração da teoria, que pode buscar apoio teórico antes e durante a coleta e a análise de dados. Nessa vertente, o sistema de análise de dados é dividido em três etapas: codificação aberta, codificação axial e codificação seletiva (STRAUSS; CORBIN, 2008).

O primeiro passo analítico nessa perspectiva da teoria fundamentada é a codificação aberta, em que o pesquisador deve se fixar nos dados coletados, examiná-los, compará-los e conceitualizá-los com palavras que transmitam ação. Essa etapa ocorre ao analisar cada palavra linha por linha, porque é necessário um exame minucioso, por meio de questionamentos exaustivos do pesquisador em relação aos dados: O que é isso? O que representa? O que está acontecendo aqui? Dessa forma, procede-se à identificação dos códigos substantivos, suas propriedades e dimensões.

A codificação axial, segundo passo da análise, é marcada pelo movimento indutivo-dedutivo, que demanda sensibilidade teórica e reflexão do pesquisador, que busca respostas para questões como: Por quê? De que forma? Onde? Quando? Como? É o ato de relacionar categorias com subcategorias ao longo das linhas de suas propriedades e suas dimensões. Nesse momento, os dados que foram separados na codificação aberta são reagrupados, objetivando formar explicações sobre os fenômenos em investigação e possibilitar a emergência de categorias. Nessa etapa, utiliza-se uma ferramenta analítica chamada de paradigma de codificação ou modelo paradigmático, que auxilia a codificação axial, ordenando os dados sistematicamente, de forma a integrar estrutura e processo e capturar a dinâmica evolutiva dos fatos. O modelo paradigmático é composto pelos componentes conhecidos como ‘5 Cs’: condições contextuais, condições causais, condições interventoras, condições estratégicas e consequências (STRAUSS; CORBIN, 2008). Esses componentes auxiliam a estabelecer relações entre as categorias e a identificar o fenômeno ou categoria central da pesquisa.

Com a evolução da vertente straussiana da teoria fundamentada, o modelo paradigmático passou a ter três componentes: condições, ações-interações e consequência (CORBIN; STRAUSS, 2015). Porém, no Brasil, a obra disponível em português apresenta o modelo composto pelos '5 Cs', o que torna esse paradigma o mais conhecido pelos pesquisadores brasileiros. Tal mudança indica a influência do construtivismo e do pensamento pós-moderno contemporâneo nessa perspectiva metodológica da teoria fundamentada. Em sua obra, os próprios autores reconhecem essa influência e expressam admiração pelo trabalho que tem sido desenvolvido por Charmaz (STRAUSS; CORBIN, 2008). A adoção do modelo com três componentes possibilita mais flexibilidade aos pesquisadores na adoção dessa vertente.

Na codificação seletiva, último momento do processo analítico, procede-se ao refinamento das categorias e das subcategorias encontradas anteriormente, as quais são comparadas e analisadas continuamente, integrando os dados e possibilitando ao pesquisador identificar uma categoria central ou fenômeno (STRAUSS; CORBIN, 2008). Na obra mais recente da teoria fundamentada straussiana, a codificação seletiva foi denominada de integração, termo considerado mais adequado ao processo realizado nessa etapa. A categoria central é um conceito amplo e abstrato que, em poucas palavras, descreve o que o pesquisador considera como tema principal do estudo (CORBIN; STRAUSS, 2015). No final das etapas de codificação, a teoria gerada é organizada conforme os elementos do modelo paradigmático.

A vertente straussiana também sugere a utilização da matriz condicional ou consequencial como instrumento analítico. Ela é representada por um conjunto de oito níveis de círculos integrados, ou seja, inseridos uns nos outros: quanto mais externo é o círculo, mais amplo é o contexto ao qual ele se refere – internacional, nacional, comunitário, organizacional e institucional, suborganizacional e subinstitucional, coletivo, interacional e de ação. Esse dispositivo auxilia a identificar relações e conexões entre as condições/consequências e as ações que envolvem os eventos ou incidentes ao longo do desenvolvimento da teoria (CORBIN, 2008).

Ressaltamos que Strauss e Corbin (1994) rejeitam a posição positivista de que a realidade é pré-existente e pode ser observada externamente. Interpretam a realidade como uma construção coletiva cuja teoria desenvolvida a partir dessa interpretação é limitada no tempo. Por isso, entendemos ser uma abordagem intersubjetiva, pois, mesmo iniciando no extremo subjetivismo da fase inicial de Glaser e Strauss, as etapas do método levam a uma tentativa de objetivar os dados para dar conta de construir uma explicação do fenômeno.

Por seu turno, a vertente construtivista considera que a teoria é uma construção recíproca entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, a investigação tem como foco os significados atribuídos pelos participantes ao

fenômeno em investigação, os quais são contextuais, moldados pelas interações sociais e mudam ao longo do tempo (KENNY; FOURIE, 2015).

Duas etapas principais de codificação são preconizadas nessa tradição da teoria fundamentada: a codificação inicial e a codificação focalizada. Na codificação inicial, os dados são fragmentados e analisados com o objetivo de conceituar ideias e/ou significados expressos pelos participantes e transformá-los em códigos. Esse processo pode ser realizado palavra por palavra, linha por linha ou incidente por incidente. Nele, ressalta-se a importância da utilização da codificação *in vivo*, aquela que utiliza as mesmas palavras dos participantes para dar um nome aos conceitos, e da microanálise, para descobrir as dimensões relevantes das categorias e para sugerir relações entre elas. Para tanto, os pesquisadores podem utilizar perguntas sensíveis (para determinar quem são os atores envolvidos no fenômeno); perguntas orientadoras (para guiar as entrevistas e mudar constantemente); perguntas teóricas (para ajudar a enxergar o processo, as variações e as conexões entre os conceitos); e perguntas estruturais (para ajudar a desenvolver a estrutura da teoria). Para determinar propriedades e dimensões dos conceitos, é preciso mais explicações. Estrategicamente, o pesquisador utiliza a comparação a partir dos incidentes para passar de um nível de descrição para o de abstração (CHARMAZ, 2009).

Os códigos gerados na codificação inicial são considerados provisórios, o que possibilita manter o pesquisador aberto a outras possibilidades analíticas. Eles são progressivamente substituídos por códigos que mais bem satisfizerem os dados do ponto de vista da compreensão dos significados e das experiências dos participantes da pesquisa (KENNY; FOURIE, 2015; DELGADO, 2012). A codificação de cada linha dos dados possibilita a obtenção de *insights* sobre qual tipo de dado deve ser coletado a seguir, refiná-lo e direcioná-lo a uma investigação posterior. Nesse momento, é importante que o pesquisador fique atento em relação às suas tendências, suposições ou crenças pessoais, ou as dos sujeitos estão interferindo na análise (CHARMAZ, 2009).

A codificação focalizada, segunda etapa de codificação na perspectiva construtivista, possibilita separar, classificar e sintetizar grandes quantidades de dados. Nessa etapa, os códigos elaborados são mais direcionados, seletivos e conceituais, pois devem sintetizar e explicar segmentos maiores de dados. Para isso, também podem ser utilizados os códigos mais significativos e/ou frequentes identificados na etapa anterior, a partir da definição, pelo pesquisador, de quais códigos iniciais possibilitam uma melhor compreensão analítica para os dados (KENNY, FOURIE, 2015; CHARMAZ, 2009). Quando determinados conceitos emergem com mais frequência e destaque, geram-se subcategorias e categorias que revelam o fenômeno ou a categoria central da pesquisa. A categoria central representa o conceito organizador mais potente analiticamente. A identificação da categoria

central depende da percepção do pesquisador e é o processo mais relevante na área investigada (CHARMAZ, 2009; TAROZZI, 2011).

No processo de codificação da vertente construtivista, Charmaz (2009) ressalta a importância de se usarem verbos conjugados no gerúndio para representar as ações que estão sendo codificadas, por exemplo: buscando, realizando, sentindo etc. De acordo com a autora, o objetivo de adotar o gerúndio é auxiliar o desenvolvimento da sensibilidade teórica do pesquisador, para identificar conceitos e processos em desenvolvimento.

Em síntese, as três perspectivas da teoria fundamentada encapsulam três estruturas de codificação distintas (DELGADO, 2012). A abordagem clássica mantém e refina o procedimento original de codificação da teoria fundamentada, que foi projetado para *descobrir* uma teoria emergente através da análise sistemática de dados (GLASER; HOLTON, 2004; GLASER; STRAUSS, 1967; HOLTON, 2010). Já a abordagem straussiana incorpora uma estrutura de codificação mais rigorosa e robusta, forjada para *criar* (em vez de descobrir) uma teoria que apreenda os dados rigorosamente (STRAUSS; CORBIN, 1990). Em relação à abordagem construtivista, ela encapsula um procedimento de codificação mais impressionista, que foi elaborado para *construir* uma interpretação conceitual (ao invés da apreensão exata) dos fenômenos (CHARMAZ, 2006, 2008). Significativamente, essas convenções de codificação divergentes surgem de posições filosóficas opostas, embutidas em paradigmas de pesquisa concorrentes. Portanto, é essencial entender as pressuposições filosóficas subjacentes às três tradições da teoria fundamentada.

b) Base filosófica

Na literatura científica, discute-se amplamente a base filosófica que sustenta cada uma das perspectivas metodológicas da teoria fundamentada. As bases filosóficas e metodológicas influenciam a implementação de um conjunto de métodos essenciais da teoria fundamentada. O referencial metodológico, com sua filosofia subjacente, influencia a forma como o pesquisador trabalha com os participantes, ou seja, a posição que assume no estudo. A depender de suas crenças filosóficas e da abordagem da teoria fundamentada adotada, os pesquisadores assumem uma posição de distanciamento ou de aproximação reconhecida tanto no campo quanto no produto final da pesquisa.

Há um amplo debate na literatura acadêmica sobre a qual paradigma a teoria fundamentada clássica melhor corresponde. Em sua obra, Glaser não aborda diretamente a base filosófica que sustenta a teoria fundamentada clássica, classificando-a como um método geral que pode ser usado para coletar todo tipo de dados, independentemente de referencial teórico (BRYANT, 2002; URQUHART, 2002). Como consequência, Moore (2009, p.8) referiu que os pressupostos epistemológicos

ocultos, embutidos na teoria fundamentada, não são claramente articulados ou definidos, o que resulta em “má interpretação e uso indevido do método”. No entanto, apesar da abstração filosófica de Glaser, Charmaz (2000) argumenta que o positivismo é considerado a base filosófica da teoria fundamentada clássica, porque é vinculada a essa corrente filosófica e por causa da importância que Glaser atribui à neutralidade e à objetividade no desenvolvimento da teoria. Uma série de autores, incluindo Bryant (2002), Jones e Alony (2011) e Madill *et al.* (2000), ecoam a avaliação de Charmaz (2000). Significativamente, até Anselm Strauss, cofundador da teoria fundamentada, admitiu as nuances positivistas embutidas na abordagem clássica (STRAUSS; CORBIN, 1994). Os próprios escritos de Glaser indicam seu conhecimento de sua alegada tendência positivista (GLASER, 2002).

Strauss e Corbin (1991, 1994, 1998) deixaram claro, em seus textos, seu afastamento de uma ontologia realista positivista e expuseram, sem ambiguidade, uma vinculação a uma ontologia realista crítica pós-positivista que afirma que, “embora a realidade exista para ser descoberta pela investigação, nunca é perfeitamente apreensível” (GHEZELJEH; EMAMI, 2009, p. 17; GUBA; LINCOLN, 1994) [tradução nossa]. Embora conscientes de uma realidade externa e objetiva, eles claramente asseguraram que “a compreensão do pesquisador é limitada e somente Deus pode perfeitamente compreender a verdadeira natureza da realidade” (STRAUSS; CORBIN, 1998, p. 4) [tradução nossa]. Strauss e Corbin posicionaram sua abordagem metodológica dentro da filosofia do interacionismo simbólico e do pragmatismo e enfatizaram sua estreita afiliação com os escritos filosóficos de Dewey (1922) e Mead (1934).

Charmaz (2000) endossou os princípios do interacionismo simbólico e do pragmatismo, mas criticou a expressão pós-positivista de Strauss em seu procedimento sistemático de codificação e a ontologia crítico-realista. Dessa forma, propõe a recuperação da ênfase interacionista pragmática e simbólica no significado, na linguagem, na interpretação e na interação, vinculando a teoria fundamentada ao paradigma construtivista como uma metodologia interpretativa. Charmaz (2000, 2006) definiu claramente sua posição ontológica, epistemológica e metodológica. Sua teoria fundamentada construtivista é sublinhada por uma ontologia relativista, que pressupõe a existência de múltiplas realidades sociais. Ela enfatizou que sua posição epistemológica endossa inequivocamente a coconstrução do conhecimento e a interpretação mútua do significado do pesquisador e do sujeito, com o objetivo de elaborar uma representação interpretativa das experiências do último. Em última análise, Charmaz (2000, p. 510) [tradução nossa] argumentou que sua alternativa construtivista da teoria fundamentada “oferece métodos acessíveis para conduzir a pesquisa ao século 21”.

c) Uso da literatura

Uma questão divisiva e polêmica no campo de pesquisa em teoria fundamentada é o uso da literatura. A revisão de literatura deve ser realizada em estudos de teoria fundamentada? Especificamente, o cerne da questão não é se uma revisão de literatura deve ou não ser feita, pois há um consenso de que deve, mas quando e com qual extensão (CUTCLIFFE, 2000; MCGHEE *et al.*, 2007). Essa preocupação não é recente! Como Bryant e Charmaz (2010, p. 19) [tradução nossa] comentam, “desde a publicação de *The discovery of grounded theory*, surgiram preocupações sobre como os pesquisadores deveriam abordar e usar a literatura relevante ao tema de pesquisa”. Na publicação original dessa obra, Glaser e Strauss (1967, p. 37) [tradução nossa] desaconselharam explicitamente a realização de uma revisão de literatura em um estágio inicial do processo de pesquisa: “uma estratégia efetiva é, a princípio, ignorar literalmente a literatura teórica sobre a área em estudo”, com o objetivo de manter a mente aberta e livre de influências externas. De forma resumida, podemos dizer que os argumentos contra a realização de uma revisão, *a priori*, da literatura são, por vezes, ideológicos, no sentido de aderir a uma ontologia pós-positivista (MCGHEE *et al.*, 2007), e pragmáticos, na medida em que buscam economizar tempo e energia, afastando o pesquisador de caminhos teóricos que podem ser de pouca relevância para suas pesquisas.

Em contrapartida, Strauss e Corbin (2008) defenderam o uso apropriado da literatura em todas as fases da pesquisa, discernindo a diferença entre uma cabeça vazia e uma mente aberta. De um ponto de vista puramente pragmático, a ideia de adiar uma revisão de literatura até que a coleta e a análise de dados estejam bem encaminhadas é simplesmente impraticável para muitos pesquisadores.

Charmaz (2009) endossa a visão de Strauss e Corbin, mas recomenda que a literatura seja compilada depois de feita a análise dos dados. Ela acredita que essa estratégia possibilita o conhecimento da produção científica já existente sobre o tema pesquisado e auxilia a desenvolver o potencial argumentativo do pesquisador sem comprometer sua criatividade.

Considerações finais

Segundo Birks e Mills (2015), não existe uma “melhor perspectiva” entre as três tradições da teoria fundamentada, mas uma preocupação em buscar a abordagem mais adequada, a que melhor se ajuste aos nossos objetivos de investigação, à forma como nos relacionamos com os dados, como enxergamos o mundo ao nosso redor. Assim, é essencial que um pesquisador, ao decidir usar uma perspectiva da teoria fundamentada em sua pesquisa, compreenda os princípios que unem e diferenciam suas três principais tradições.

Todos os aspectos da pesquisa qualitativa tendem a implicar uma posição filosófica específica, em relação à epistemologia, à ontologia e aos métodos, claramente reconhecida no campo e no produto final do estudo. Portanto, ao iniciar um projeto de pesquisa conduzido com a teoria fundamentada, é mister que o teórico fundamentado se posicione filosoficamente e, por sua vez, metodologicamente, visto que as diferentes abordagens da teoria fundamentada possuem pressupostos epistemológicos e ontológicos contrastantes.

As três perspectivas da teoria fundamentada são entidades distintas. No entanto, o pesquisador não precisa adotar uma forma pura de uma tradição, pois, de fato, dentro dos parâmetros de consistência, há liberdade para confundir as fronteiras entre a teoria fundamentada clássica, a straussiana e a construtivista. É importante ressaltar que isso não violou a integridade da metodologia, já que, em seu enunciado original, Glaser e Strauss (1967) convidaram "seus leitores a usarem as estratégias da Teoria fundamentada de forma flexível, cada qual a seu próprio modo" (CHARMAZ, 2009, p. 23). Morse (2006), de forma favorável, argumenta que a introdução de qualquer metodologia de pesquisa no domínio público deixa abertas sua adaptação e utilização. De fato, Johnson *et al.* (2001) postulam que a fusão de abordagens distintas, incluindo a teoria fundamentada, não compromete necessariamente a "pureza" metodológica, mas pode aumentar o rigor metodológico. Então, embora haja parâmetros claros que diferenciam as três tradições da teoria fundamentada e a necessidade de o pesquisador garantir uma abordagem consistente, ainda há espaço para a criatividade e a flexibilidade na aplicação da abordagem metodológica da teoria fundamentada selecionada.

Em termos de diretrizes para implementar a teoria fundamentada, entendemos que os pesquisadores devem começar lendo os textos seminais de tal teoria, alguns cronologicamente listados por Birks e Mills (2015) para se familiarizarem com as diferentes abordagens e seu potencial. Ao selecionar uma abordagem, devem ser capazes de justificar a razão pela qual ela foi escolhida em detrimento das versões concorrentes. Também é fundamental e relevante a forma como o pesquisador articula as etapas ou a cadeia processual empregada em cada pesquisa sem subestimar a importância de utilizar os principais componentes da metodologia, conforme referido pelos estudiosos desse método.

Referências

ADOLPH, Steve; HALL, Wendy; KRUCHTEN, Philippe. Using grounded theory to study the experience of software development. *Empirical Software Engineering*, v. 16, n. 4, pp. 487-513, jan., 2011.

BIRKS, Melanie; MILLS, Jane. *Grounded theory: a practical guide*. 3 Ed. Los Angeles: SAGE Publications, 2015. 208p.

BRYANT, Antony. Re-grounding grounded theory. *Journal of Information Technology Theory and Application*, v. 4, n. 1, pp. 25-42, oct., 2002.

BRYANT, Antony; CHARMAZ, Kathy (Eds.). *The Sage Handbook of Grounded Theory*. London: SAGE Publications, 2010. 656p.

CHARMAZ, Kathy. Construtivist and objectivist grounded theory. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN Yonna S. (Eds.), *Handbook of qualitative research*. 2 Ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2000. p. 509-535.

CHARMAZ, Kathy. *Constructing grounded theory: a practical guide through qualitative analysis*. London, England: SAGE, 2006. 224p.

CHARMAZ, Kathy. Grounded theory as an emergente method. In: HESSE-BIBER, Sharlene.; LEAVY, Patricia. (Eds.). *Handbook of emergente methods*. New York: The Guilford Press, 2008. p. 155-172.

CHARMAZ, Kathy. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009. 272p.

CORBIN, Juliet; STRAUSS, Anselm. *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory*. 4 Ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2015. 456p.

DELGADO, Crucita. *La teoría fundamentada: decisión entre perspectivas*. Bloomington: Author House, 2012. 84p.

DEWEY, John. *Human nature and conduct*. New York: Holt, 1922. 352p.

CUTCLIFFE, John. Methodological issues in grounded theory. *Journal of Advanced Nursing*, v. 31, n. 6, p. 1474-1484, jun., 2000.

GHEZELJEH, Tahereh; EMAMI, Azita. Grounded theory: methodology and philosophical perspective. *Nurse Researcher*, v. 17, n. 1, p. 15-23, 2009.

GLASER, Barney. *Theoretical sensitivity: advances in the methodology of grounded theory*. Mill Valley, CA: Sociology Press, 1978. 164p.

GLASER, Barney; HOLTON, Judith. Remodeling grounded theory. *FQS Forum Qual Soc Res*, v. 5, n. 2, Art. 4, maio 2004. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs040245>. Acesso em: 12 jul. 2018.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter, 1967. 284p.

GUBA, Egon; LINCOLN, Yvonna. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Eds.). *Handbook of qualitative research*. London, UK: Sage, 1994. p. 105-117.

HOLTON, Judith. The coding process and its challenges. *Grounded Theory Rev*, v. 9, n. 1, p. 21-40, mar. 2010. Disponível em: <http://groundedtheoryreview.com/2010/04/02/the-coding-process-and-its-challenges/>. Acesso em: 09 set. 2018.

JOHNSON, Martin; LONG, Tony; WHITE, Alan. Arguments for 'British Pluralism' in qualitative health research. *Journal of Advanced Nursing*, v. 33, n. 2, p. 243-249, jan., 2001. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1365-2648.2001.01659.x>. Acesso em: 05 set. 2018.

JONES, Michael; ALONY, Irit. Guiding the use of grounded theory in doctoral studies: an example from the Australian film industry. *International Journal of Doctoral Studies*, v. 6, p. 95-114, jan., 2011.

KENNY, Méabh; FOURIE, Robert. Contrasting classic, straussian, and constructivist grounded theory: methodological and philosophical conflicts. *The Qualitative Report*, v. 20, n. 8, p. 1270-1289, aug., 2015. Disponível em: <http://nsuworks.nova.edu/tqr/vol20/iss8/9>. Acesso em: 10 ago. 2018.

MADILL, A.; JORDAN, A.; SHIRLEY, C. Objectivity and reliability in qualitative analysis: realist, contextualist and radical constructionist epistemologies. *British Journal of Psychology*, v. 91, n. 1, p. 1-20, feb., 2000.

MCGHEE, Gerry; MARLAND, Glenn; ATKINSON, Jacqueline. Grounded theory research: literature reviewing and reflexivity. *Journal of Advanced Nursing*, v. 60, n. 3, p. 334-342, set., 2007.

MEAD, George. *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press, 1934. 437p.

MOORE, Jennifer. An exploration of the origin of classic grounded theory. *Nurse Researcher*, v. 17, n. 1, p. 8-14, 2009.

MORSE, Janice. The politics of developing research methods. *Qualitative Health Research*, v. 16, n. 1, p. 3-4, jan. 2006.

PAYNE, Sheyla. Grounded theory. In: LYONS, Evanthia; COYLE, Adrian (Eds.). *Analysing qualitative data in Psychology*. London: Sage Publications, 2007. p. 65-86.

POUPART, Jean et. al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 464p.

SBARAINI, Alexandra; CARTER, Stacy; EVANS, Wendell; BLINKHORN, Anthony. How to do a grounded theory study: a worked example of a study of dental practices. *BMC Medical Research Methodology*, p. 11-128, sep., 2011.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park, CA: Sage, 1990. 272p.

STRAUSS, Anselm. Grounded theory methodology: an overview. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna (Eds.). *The handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994. p. 273-285.

STRAUSS, Anselm. *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. 2 Ed. Thousand Oaks, CA: SAGE publications, 1998. 336p.

STRAUSS, Anselm. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa fundamentada*. 2 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 288p.

TAROZZI, Massimiliano. *O que é a Grounded Theory: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados*. Petrópolis: Vozes, 201. 189p.

URQUHART, Cathy. Regrounding grounded theory – or reinforcing old prejudices? A brief reply to Bryant. *The Journal of Information Technology Theory and Application*, v. 4, n. 3, p. 43-54, 2002.

WELLS, Kathleen. The strategy of grounded theory: possibilities and problems. *Social Work Research*, v. 19, n. 1, p. 33-37, mar., 1995.

Edna Gusmão de Goes Brennand

Pós-Doutorada pela *Université Catholique de Louvain* (UCL), Bélgica (2005), e pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Portugal (2012). Estágio Sênior em andamento na *Universidad de València*. Doutorada em Sociologia pela *Université Paris I Panthéon Sorbonne*. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba. Atua nos Cursos de Mestrado e Doutorado em Educação da UFPB e no Mestrado Profissional em Gestão, principalmente nos seguintes temas: ciberespaço, ciberdemocracia, cibercrimes, agir comunicativo, ecologias cognitivas, redes digitais e sistemas inteligentes, gestão da inovação, educação a distância e TV digital interativa. Líder do Grupo de Pesquisa Cultura Digital e Educação. Coordenadora da Rede Interdisciplinar de Estudos sobre Violências (RIEV). Contato: edonabrennand@gmail.com

Alberto José Ferreira de Lima

Graduado em Ciência da Computação e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente é estudante de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura Digital e Educação e da Rede Interdisciplinar de Estudos sobre Violências (RIEV). Contato: albertojfl@gmail.com